



PENSATA

PESQUISA CONTÁBIL NO BRASIL: DA ESCOLÁSTICA À MODERNIDADE

Gilberto de Andrade Martins

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA)

Universidade de São Paulo

martins@usp.br

É difícil delimitar as origens dessas grandes fases: Escolástica, Modernidade e Pós-Modernidade da investigação contábil brasileira assim como em outras áreas do conhecimento. Particularmente porque a pesquisa científica contábil jamais se estabeleceu com uma marca própria. Podemos afirmar que, no Brasil, nos anos sessenta do século XX a era Escolástica da pesquisa em Ciências Contábeis Nacional apresenta aparentes sinais de término. No país a investigação científica sobre Contabilidade não supera a marca de 60 anos. Período recentíssimo quando se lembra da publicação das partidas dobradas no século XV. Ainda hoje convivemos com características da Escolástica sobre a pesquisa científica contábil brasileira. Convivem uma enorme quantidade de investigações precárias – fase Escolástica - com poucas pesquisas de qualidade – período Moderno e Pós-moderno - no campo da Contabilidade. Trata-se de uma situação anômala. O natural convívio da pesquisa contábil com características da fase Escolástica e também apresentar-se com aspectos da modernidade evidencia uma prova de que a investigação sobre Contabilidade carece de muito crescimento qualitativo a fim de demarcar uma posição de área do conhecimento com marcas científicas próprias dentro do campo das Ciências Sociais Aplicadas. Esse extraordinário contraste tem trazido um quadro perplexo sobre o que se considera investigação científica na área contábil. Infelizmente a Era Escolástica (lembrando que é no século XII que se atribui o início dessa fase) ainda predomina na produção dita científica da Contabilidade Brasileira. A área apresenta textos científicos com sérios problemas. Muitas pesquisas bibliográficas puras, sem originalidade. Descuidadas revisões bibliográficas. Culto às personalidades brasileiras da área contábil – citações gratuitas de nomes e títulos de autores nacionais. Propostas com ausência de uma problemática. Manuscritos sem uma base teórica. Trabalhos orientados exclusivamente por abordagens normativas. Textos sem orientações metodológicas. Poucos trabalhos com rigor empírico. Resultados de investigações que muito pouco contribuí para a área contábil. Repetições de temas – mais pesquisas com as mesmas temáticas. Assuntos com pouquíssima importância. Investigações que nada surpreendem. Mau uso de Métodos Quantitativos. Nota-se que muitos autores não conhecem as técnicas quantitativas que usam. Quando a opção apresenta avaliação qualitativa, os erros mostram ainda mais dificuldades. Muitos achismos e demais impressionismos. Estratégias de citações elogiosas, favorecendo fatores de impacto – uma crise de “citacionismo”. Investigações divididas em diversos fascículos (outros manuscritos) para aumentar o número de publicações. Para aumentar o número de pontos, visando a avaliação da CAPES, são arrolados elevado número de autores (escambo autoral) vez que muitos deles nem conhecimento do texto tiveram. Problemas éticos como plágio, autoplágio e gerenciamento de protocolos. Padrões teóricos que geram diversos manuscritos com pequenas diferenças em seus frágeis resultados. Textos com redações quase inteligíveis.

A ordem é publicar para “fazer pontos para a avaliação da CAPES”. Como são baixíssimas as taxas de leituras dos manuscritos e artigos, contando, geralmente, com uma benevolência dos avaliadores, esse expediente tem sido exitoso. Lamentável. A pesquisa contábil nacional com qualidade não acompanhou o extraordinário crescimento do número de Cursos Técnicos e Cursos Superiores

ocorrido no final dos anos do século XX e início do atual século XXI. Os Cursos Técnicos foram diminuindo nesse período. Em compensação o vertiginoso aumento dos Cursos Superiores de

Ciências Contábeis coloca-os dentre os cursos mais populosos do país. O primeiro Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – modalidade Mestrado – só foi criado em 1970 pelo Departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da Universidade de São Paulo. Observem: ainda não aparecia o nome Contabilidade no título da Faculdade. De fato, de direito e dever tem-se o início da Pesquisa Científica em Contabilidade no país nessa época. Anos 60 e 70 de 1900. Sendo que a mesma Instituição lançou também o primeiro Programa de Pós-Graduação – modalidade Doutorado – em 1978. Mais um importantíssimo plano para o desenvolvimento da investigação contábil brasileira.

Análises histórico-epistemológicas orientam-nos a afirmar que a MODERNIDADE da investigação em Contabilidade no país tem início nesse período. O que é surpreendente, bizarro e muito preocupante é o fato desse período MODERNO conviver com as mazelas do período ESCOLÁSTICO, em pleno 2017. Basta-se atentar para a péssima qualidade da produção atual de vários textos “científicos” publicados nos Anais dos Congressos, Encontros, Simpósios etc. sobre Contabilidade, os conteúdos de diversas Dissertações e Teses, bem como os artigos de periódicos da área. Aproveitando as referências: o primeiro Congresso (na época Simpósio) brasileiro sobre pesquisas contábeis surgiu em 2001 no Departamento de Contabilidade da FEA/USP, e o primeiro periódico contábil nacional foi publicado em 1978.

Valendo-nos do referencial histórico-epistemológico podemos registrar um extraordinário crescimento da qualidade da produção brasileira sobre Ciências Contábeis a partir de 2005 quando as investigações teórico-empíricas se manifestaram fortemente. Trocaram-se os textos “teóricos”, de duvidosa qualidade, descritos acima, por investigações teórico-empíricas. Aparece a empiria científica na pesquisa contábil, brasileira, aumentando, sensivelmente, a qualidade dos textos nacionais sobre contabilidade. Também, a partir desses anos (2005/6), estamos experimentando um grande crescimento no número de Programas de Pós-Graduação em Contábeis – Mestrado e Doutorado – bem como aumento significativo da quantidade de periódicos. Crescimento exponencial tanto dos Cursos como das Revistas sobre Contabilidade. Se de um lado podemos aplaudir tais eventos, por outro, infelizmente, devemos reconhecer que o necessário cuidado com a qualidade não foi, suficientemente, considerado. Dentre as centenas(!). Sim, centenas de textos científicos sobre Contabilidade: basta somarmos as quantidades de manuscritos dos Congressos e Encontros com o número de artigos dos periódicos nacionais sobre Ciências Contábeis, divulgados anualmente, para atingirmos esses totais. Analisando a qualidade da maioria desses textos estamos confirmando, anualmente, de maneira espantosa e muito preocupante, o tranquilo e inquietante convívio entre as características incipientes do que denominamos ESCOLÁSTICA com raras demonstrações de aspectos da MODERNIDADE dos textos contábeis brasileiros. Essa acomodação deixa-nos atônitos: onde estão os responsáveis pela ANPCONT (Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Contabilidade)? Os Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação do país? Os Editores de Revistas? Os coordenadores dos Congressos? Os docentes? Particularmente os orientadores de mestrandos e doutorandos. Os discentes? Enfim, os membros da comunidade brasileira do Ensino e Pesquisa das Ciências Contábeis estão de acordo com o quadro aqui exposto? Obviamente, não há razões que possam justificar acomodações diante desse lamentável estágio. Precisamos centrar atenção na valorização da qualidade. A grande expansão já aconteceu. Além dos Manuscritos e Artigos, como andam a integridade e qualidade das inúmeras dissertações e teses que estão sendo divulgadas pelos Programas de Pós-Graduação em Contabilidade nacionais. O que tenho observado são muitas teses e dissertações com sérios problemas. Não apresentam uma problemática que mereça estudo; não se tem o necessário apoio de uma plataforma

teórica; metodologias com discursos controversos de abordagens quantitativas e qualitativas; resultados com baixo grau de importância que pouco surpreendem etc.

Preocupa-me intensamente o estágio da produção científica em Contabilidade no país. O MANIFESTO que divulguei em 2007 a todos os Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação, transcrito abaixo, continua atual e necessário:

MANIFESTO AOS PESQUISADORES DA ÁREA CONTÁBIL

Estabelecimento de Padrões Científicos

É indiscutível o crescimento da quantidade de textos científicos sobre Contabilidade e Controladoria no país. Nos últimos anos aumentou o número de Programas de Pós-Graduação, a quantidade de títulos de periódicos e também a realização de Congressos temáticos sobre Ciências Contábeis. Além desses expressivos eventos tivemos a recente criação da ANPCONT – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis - que anuncia o primeiro Encontro Nacional para junho de 2007.

Assim como ocorreu em outras áreas da pesquisa nacional, o crescimento da quantidade de trabalhos científicos sobre Contabilidade e Controladoria não foi acompanhado pelo crescimento da qualidade dessa produção. Dentro desse contexto se impõe a busca do estabelecimento de padrões científicos que possam garantir e legitimar a qualidade da produção desse promissor campo de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas.

Não serão eficazes ações e contínuos estímulos para publicações de textos científicos no Brasil e no exterior se não iniciarmos frequentes discussões para a construção e o estabelecimento de padrões científicos que possam oferecer diretrizes para o alcance e manutenção da qualidade dessa produção. É incontestável: se não cuidarmos da qualidade da nossa produção científica, maiores ainda serão as dificuldades para publicarmos no exterior.

Uma recente afirmação de Reis (2006), na 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), realizada em Caxambu – MG reforça a necessidade de atenção ao tema:

Os cientistas sociais brasileiros produzem ciência de alta qualidade, mas o impacto de suas repercussões internacionais é limitado pelas dificuldades em torno do estabelecimento de padrões científicos.

Dentre as dificuldades encontradas no âmbito da produção científica da área contábil destaca-se a falta de constantes avaliações. É fundamental se dizer o que está bom e o que está ruim como Ciência Contábil. Como nos ensinou Kuhn (1997) – epistemólogo que primeiro escreveu sobre Sociologia das Ciências - o que se entende por Ciência em determinada área do conhecimento é aquilo que o conjunto de cientistas, adeptos de um mesmo paradigma, entendem como Ciência.

Os pesquisadores da área de Ciências Contábeis precisam admitir o contraditório, evitando assim uma perversa condescendência com textos e baixa qualidade. Carecemos de um debate aberto e contínuo, sem preocupação em ferir suscetibilidades. Nossos atuais critérios de avaliação facilitam,

quando não estimulam, uma sofrível produção científica, como atestam diversos artigos ultimamente publicados.

É preciso reforçar: os padrões científicos são definidos por nós e pelos nossos pares. O debate e o contraditório constituem essências do processo de elaboração dos nossos padrões científicos. O conhecimento avança porque as pessoas se contradizem. Precisamos nos desarmar, sem quaisquer preconceitos. Somente com a prática de uma saudável dialética – teses e antíteses – é que construiremos, de fato, uma síntese para os padrões científicos de qualidade da nossa produção científica.

No mesmo evento, acima referenciado, Brito Cruz (2.006), concordando com Reis, assim se expressou:

(...) para atingir a comunidade internacional – e assim dialogar com maior número de pesquisadores e fazer avançar o conhecimento -, é preciso aumentar a capacidade de fazer generalizações, com reflexos que sejam universais. É importante ser capaz de interessar a comunidade científica. Não para satisfazer o ego, mas pela necessidade de comunicação intrínseca à ciência.

Uma sugestão: podemos (re)iniciar o debate sobre a construção e estabelecimento de padrões de qualidade da produção sobre Ciências Contábeis a partir da aderência das avaliações dos textos ao método científico. Obviamente não se trata de uma ação metodologicista, mas uma sugestão para o início das discussões.

Avante colegas!

Referências

Brito Cruz, Carlos Henrique (*). (2006). Contribuições do Brasil. In: 30a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu, MG. Agência FAPESP.

Kuhn, T.S. (1997). A estrutura das revoluções científicas. 5.ed. São Paulo: Perspectiva.

Reis, Fábio Wanderley (**). (2006). Contribuições do Brasil. In: 30a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu, MG. Agência FAPESP.

(*) O professor Carlos Henrique de Brito Cruz foi diretor científico da FAPESP.

(**) Fábio Wanderley Reis é sociólogo, filósofo, pesquisador da UFMG, foi um dos representantes da comunidade científica no Conselho Deliberativo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).